

# Pandemia em textos midiáticos: narrar, descrever e argumentar “para construir memória, afeto, respeito e futuro”

Eveline Coelho Cardoso<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4773-4445>

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2934-4734>

---

## RESUMO:

Este estudo se debruça sobre um pequeno *corpus* de textos midiáticos, publicados no Brasil, em 2020, cujo tema é a pandemia do coronavírus. Trata-se de textos estruturados a partir de uma sequência de imagens verbais e/ou visuais, que oferecem uma resposta à fragmentação e frieza das informações veiculadas diariamente nos noticiários. Com foco nos arranjos possíveis e nos efeitos de sentido decorrentes dos modos de organização do discurso, intenta-se, uma vez mais, iluminar a interação dialógica dos sujeitos na mídia, cujo objetivo é captar e tocar racionalmente o outro em sua emoção, mobilizando saberes e crenças partilhados.

---

## PALAVRA-CHAVE:

Pandemia;  
Semiolinguística;  
Discurso midiático;  
Captação;  
Patemização.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente de Língua Portuguesa da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Teresópolis, RJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Leitura, Fruição e Ensino (Leifen-UFF/CNPq). [eveline.cardoso@outlook.com](mailto:eveline.cardoso@outlook.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF, Niterói, RJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Leitura, Fruição e Ensino (Leifen-UFF/CNPq). [glaycikelli@id.uff.br](mailto:glaycikelli@id.uff.br)

## 1. Introdução

*Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento.*  
Mikhail Bakhtin

Em dezembro de 2019, o mundo conheceu a Covid-19, doença respiratória infectocontagiosa causada pelo novo coronavírus, que contaminou, em 2020, milhões de pessoas e fez um sem-número de vítimas fatais, configurando uma pandemia<sup>3</sup>. Em um cenário no qual todo mundo – e todo o mundo – teve sua rotina interrompida abruptamente, sendo impedido de ir, vir e aproximar-se do outro, passamos a experienciar a realidade cotidiana de modo fragmentado, cada um na sua casa. Com o isolamento social determinado para tentar conter o avanço da pandemia, o principal suporte informativo e interativo passa a ser, então, o meio tecnológico, que, além de transportar virtualmente o ambiente laboral e o escolar para muitos lares, deu maior visibilidade e poder à instância midiática.

Conseqüentemente, é notável na mídia a presença de textos de gêneros diversos que refletem esse período tão marcante e simbólico da nossa história. Trata-se de um esforço informativo e estético por oferecer uma resposta por meio da linguagem, de modo que, como propõe Bakhtin (1992b, p. 49), ao contar a própria história, seja possível “tentar imaginar a nossa própria imagem externa, perceber-nos de fora, traduzir-nos em termos de expressividade externa a partir da sensação interna que temos de nós mesmos”. Tal representação narrativa, submetida sempre ao filtro do olhar do outro para quem se dirige, configura-se de forma subjetiva ao retratar a realidade, sendo atravessada por imaginários pessoais e coletivos.

De acordo com Charaudeau (2008, p. 154), contar é, pois, construir um universo de representação das ações humanas com base em crenças que dizem respeito ao mundo, ao ser humano e à verdade. Segundo o autor, toda narrativa envolve representações de ações e acontecimentos – o **modo narrativo** de organização do discurso – e representações de objetos, lugares e personagens e de suas qualificações – o **modo descritivo** de organização do discurso. Este denota algo estático, como em um quadro, enquanto aquele denota movimento, em uma lógica sucessiva e contínua. Além disso, muitas histórias trazem como pano de fundo algum

---

<sup>3</sup> Segundo dados da organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), o contágio da doença respiratória aguda causada pelo novo coronavírus (Covid-19) teve início em 01 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o quadro como pandemia em 11 de março de 2020. Foram confirmados no mundo 107.423.526 casos de Covid-19 e 2.360.280 mortes até o dia 12 de fevereiro de 2021. Dados disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 13 fev. 2021.

ensinamento ou reflexão, ou mesmo expressam determinado ponto de vista, o que faz com que apresentem, mesmo que de forma implícita, o **modo argumentativo** de organização do discurso.

Com foco nos referidos modos, o *corpus* deste estudo constitui-se de três textos de diferentes gêneros discursivos publicados na mídia brasileira, entre abril e setembro de 2020. Além da temática sobre a pandemia, é comum aos exemplares uma composição sucessiva de imagens visuais, verbais ou ambas, encadeadas de forma a contar uma história, mas, ao mesmo tempo, agregar descrições subjetivas e tomadas de posição em relação ao mundo semiotizado, que se revelam no modo como se estrutura o discurso. O termo “imagem”, convém destacar, apóia-se em duas perspectivas, conforme Santaella (2012): como representação visual, artificialmente criada e mediada por instrumentos, suportes, técnicas e tecnologias; e também como manifestação verbal, construída por meios linguísticos.

Sob essa ótica, o presente trabalho demonstra de que maneira os modos de organização do discurso orientam a produção de sentidos sobre a realidade fragmentária e objetificada da pandemia no Brasil nos textos em exame, pondo em evidência a oferta de uma grade de leitura por parte da mídia para o leitor, a qual lhe impõe uma visão de mundo previamente articulada (CHARAUDEAU, 2010, p. 150-1). Consoante essa orientação, observa-se, nos textos do *corpus*, um posicionamento mais humanizado em relação às crescentes estatísticas de vítimas da covid-19 no Brasil, sintonizado com a construção de “memória, afeto, respeito e futuro”<sup>4</sup>.

A Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008, 2010), alinhada à concepção sociointeracional bakhtiniana (BAKHTIN, 1992a, 1992b), é o principal fundamento da investigação aqui proposta, cujo enfoque se volta para a análise dos modos de organização descritivo, narrativo e argumentativo do discurso e suas articulações manifestas na textualidade do *corpus*, tendo em vista que se submetem às restrições de um contrato comunicativo midiático. Tais restrições nos impelem a abordar também o processo de captação/patémização e os imaginários sociodiscursivos, que, sendo mobilizados para **fazer sentir** o interlocutor, tornam patente o princípio dialógico e interacional constitutivo da linguagem.

---

<sup>4</sup> A expressão “Para construir memória, afeto, respeito e futuro” é extraída do Memorial Inumeráveis, web-instalação artística idealizada pelo artista Edson Pavoni em abril de 2020 e dedicada à história das vítimas da Covid-19 no Brasil. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/sobre/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

## 2. Os modos de organização do discurso e seus diferentes efeitos de sentido

Segundo o filósofo Mikhail Bakhtin (1992b, p. 329), o **texto** verbal oral ou escrito é dado primário e ponto de partida de qualquer disciplina das ciências humanas. Para o autor, sem o texto, não há objeto de estudo e pensamento, já que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”, manifesta sob a forma de enunciados concretos e únicos (BAKHTIN, 1992b, p. 279). Além disso, não é possível compreender o homem, sua vida, seu trabalho, senão por meio de textos por ele criados ou por criar, que materializam seu projeto intencional e a execução deste, atribuindo-lhe caráter individual, único e irreproduzível.

Para pôr em cena tal ato de linguagem, Charaudeau (2008, p. 67) afirma que o sujeito que fala ou escreve organiza diferentes categorias da língua de modo a produzir os efeitos de sentido pretendidos no interlocutor. Considerando que o texto é o resultado material desse ato, resultante das escolhas feitas pelo locutor, determinadas pela situação de uso (CHARAUDEAU, 2008, p. 68), o autor põe em destaque o conjunto de procedimentos que permitem estruturá-lo: os **modos de organização do discurso**. Tais procedimentos, que se aproximam dos tipos textuais elencados Marcuschi (2003), correspondem, no escopo da semiolinguística, à finalidade discursiva de cada ato de comunicação, que, segundo Charaudeau (2008, p. 68), são: narrar, descrever, argumentar e enunciar, e originam, respectivamente, o modo **descritivo**, o **narrativo**, o **argumentativo** e o **enunciativo**.

O modo de organização enunciativo do discurso – uma particularidade da Teoria Semiolinguística – tem a função específica de comandar os outros modos e construir um aparelho enunciativo com base em três comportamentos discursivos, acionados mediante a posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros. Enunciar seria, então, organizar e ordenar as categorias de língua em relação à posição e ao desejo de influência que o sujeito falante manifesta para com o interlocutor – a **alocução**; em relação ao que o próprio sujeito diz, sem que o locutor esteja implicado – a **elocução**; e em relação ao que o outro diz, apagando, contudo, as marcas enunciativas – a **delocução** (CHARAUDEAU, 2008, p.82).

Quanto ao modo descritivo, segundo Charaudeau (2008, p. 111), “descrever consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao **nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades** que os singularizam”. O modo descritivo corresponde, portanto, a um conjunto de procedimentos discursivos (processo) que tem como resultado uma descrição (produto). A descrição tem limites tênues em

relação à narração e, para diferenciá-las, portanto, é preciso sempre levar em consideração, além do próprio modo em si, a situação de comunicação e o gênero discursivo em questão. Assim sendo, o autor salienta que o modo descritivo está, em não poucos textos, articulado aos demais modos, mas guarda, como função básica, a identificação e qualificação dos seres de maneira mais ou menos objetiva/subjetiva.

À semelhança do modo descritivo, o modo narrativo é um dos processos componentes da narrativa – a totalidade que corresponde à finalidade do “O que é contar?”. Narrar diz respeito a fazer uma descrição de uma **sequência de ações**, prevendo-se a presença de um narrador movido por uma intencionalidade. A narrativa engloba, pois, segundo Charaudeau (2008, p. 156), o modo descritivo e o modo narrativo, articulados em sua tradução. Contudo, enquanto a descrição se apoia na visão de um mundo que necessita apenas ser reconhecido e mostrado, a narração revela um mundo construído no desenrolar de uma sucessão de ações que formam um encadeamento progressivo.

O modo narrativo se articula entre uma organização lógica, que constitui a trama de uma história a partir de uma sucessão de ações, e uma encenação narrativa, que constrói o universo narrado propriamente dito, levando em consideração o sujeito narrante e suas relações contratuais com o destinatário da narrativa. Nesse sentido, diferente do modo descritivo, o sujeito que narra desempenha o papel essencial de testemunha em contato direto com o vivido, mesmo que de modo fictício. Quanto à organização lógica narrativa, Charaudeau diferencia os **actantes**, que se definem por seus papéis narrativos, posição hierárquica, qualificação e percurso de ação na narrativa; os **processos**, unidades de ação que interligam os actantes; e as sequências, que interligam os acontecimentos segundo princípios de coerência, de intencionalidade, de encadeamento e de localização.

Já argumentar consiste em combinar diferentes saberes em operações de pensamento que dependem de uma situação com **finalidade persuasiva** (Charaudeau, 2008, p. 201). O modo argumentativo é, pois, um componente que contribui para construir a totalidade da argumentação. Apoia-se na existência de um sujeito engajado em uma proposta de questionamento sobre o mundo, a qual deseja transmitir a outro sujeito (seu alvo) na intenção de fazê-lo compartilhá-la. Diferente dos modos anteriores, que se inscrevem em uma finalidade descritiva e mimética das percepções do mundo e das ações humanas, o modo argumentativo responde, assim, à busca de uma racionalidade no tocante à explicação dos fenômenos do universo e à busca de uma influência que tende a um ideal de persuasão.

Convém destacar, ainda em relação ao modo argumentativo, a posição de Amossy (2018), para quem a argumentação é constitutiva do discurso, já que

Não há discurso sem enunciação (o discurso é feito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que se poderia chamar “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir (AMOSSY, 2018, p. 12).

Para a autora, a argumentação pode revestir-se de aspectos variados e aparecer em diferentes níveis, de modo que se pode pensar essa complexidade a partir de dois termos distintos: um discurso tem visada (ou intenção) argumentativa quando há nitidamente “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (AMOSSY, 2018, p. 44); por outro lado, um discurso tem dimensão argumentativa quando não há uma programação declarada de persuasão nem estratégias imediatamente perceptíveis (AMOSSY, 2018, p. 43). Um exemplo prático de discurso com dimensão argumentativa é o veiculado pelas mídias que, dizendo-se “neutras” ao transmitir uma informação, podem revelar uma tomada de posição e direcionar olhar do interlocutor por meio do uso da linguagem. Como o *corpus* coletado foi retirado de tais fontes, o discurso midiático e suas visadas serão o assunto do próximo tópico.

### 3 O discurso midiático e as visadas de captação/patemização

Consoante os pressupostos bakhtinianos (1992a, 1992b), os textos configuram-se em torno de enunciados – unidades reais da comunicação verbal – e são estritamente delimitados pela alternância dos sujeitos e pelas marcas de elementos extralinguísticos/dialógicos, que lhe atribuem caráter histórico. Segundo o teórico, as formas de interação verbal “acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social” (BAKHTIN, 1992a, p. 42). Dessa forma, Bakhtin (1992b, p. 330) aponta como fatores determinantes do *status* do texto como enunciado a existência de um projeto intencional e sua execução. Sob a mesma ótica, Charaudeau (2007, p. 67) afirma que todo discurso, em sua construção, depende das condições específicas (restrições) da situação de troca na qual surge, fazendo com que um “contrato” de comunicação se torne referência para os indivíduos de uma comunidade social ao iniciar uma comunicação.

Charaudeau (2008, p. 56) explica que a noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social “estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais”. Em

consequência, o sujeito pode sempre supor que seu interlocutor reconhece tais representações de maneira equivalente à sua, o que, contudo, nem sempre acontece. O contrato é geralmente instituído pela identidade dos parceiros da troca (“quem fala com quem?”), pelo propósito em jogo (“do que se trata?”), pelo dispositivo (circunstâncias materiais da troca) e pela finalidade do ato de comunicação (“estou aqui para dizer o quê?”) (CHARAUDEAU, 2007, p. 68).

A identidade do sujeito que fala ou escreve é que determina e justifica seu "direito à palavra"; além disso, a identidade social e/ou discursiva dos indivíduos poderá ser levada em consideração, caso seja isso pertinente ao ato de linguagem. No domínio midiático, o público é uma entidade compósita que não pode ser tratada de maneira global, visto que suas reações intelectivas e afetivas não são as mesmas de uma mídia para outra e a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção (CHARAUDEAU, 2007, p. 78). Geralmente, por meio de pesquisas, tenta-se definir os perfis dos receptores (leitores, ouvintes, telespectadores etc.) e fazer previsões que determinam as escolhas.

O propósito traz a ideia de que todo o ato de linguagem parte de uma área temática, por mais geral que seja (tematização). Segundo Charaudeau (2007, p. 71), no discurso midiático, o sujeito falante deve: tomar posição com relação ao tema imposto pelo contrato (aceitando-o, rejeitando-o, deslocando-o etc.); escolher um modo de intervenção para esse tema (de retomada, de continuidade etc.); e, ainda, escolher um modo de organização do discurso (descritivo, narrativo, argumentativo) para expressar esse campo temático, de acordo com as instruções contidas nas restrições situacionais. Contudo, apesar das restrições, existe uma margem de manobra que permite ao sujeito expressar seu projeto de fala pessoal, garantindo-lhe uma “liberdade vigiada” (CHARAUDEAU, 2007, p. 71).

O dispositivo constitui o ambiente/quadro/suporte físico da mensagem, que a formata e contribui para conferir-lhe sentido (2007, p. 104). É, portanto, a condição que requer que o ato de comunicação seja construído de uma maneira particular e responde às perguntas: "em que ambiente se inscreve o ato de comunicação?", "que espaços físicos são ocupados pelos parceiros?", "que canal de transmissão é utilizado?" (CHARAUDEAU, 2007, p. 70). No caso das mídias, o dispositivo é um fator preponderante, já que “determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2007, p. 70).

A finalidade do ato de comunicação, por sua vez, responde à seguinte pergunta implícita: "estou aqui para dizer o quê?", pressupondo-se que todo ato de linguagem é organizado em função de um objetivo. Em uma problemática de influência, a finalidade se manifesta em termos de fins discursivos ou visadas

(prescrição, solicitação, informação etc.). A instância midiática – fonte do *corpus* selecionado – é orientada por duas principais visadas: a de informação, que exprime um "fazer saber", ou seja, transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo; e a de captação, que intenta "fazer sentir", ou seja, provocar no outro interesse pelo que se diz, para seduzi-lo ou persuadi-lo a partilhar a intencionalidade, os valores e as emoções dos quais o ato comunicativo é portador (CHARAUDEAU, 2007, p. 86).

No terreno da captação, também tem lugar a visada de patemização, cujos efeitos, centrados na emoção do indivíduo, são desencadeados pela ilusão do contato com a intimidade dolorosa ou feliz do outro, “de modo que esta possa fazer eco (...) ou até mesmo entrar em sintonia com a sua e encontrar ali ‘a verdade do vivenciado’ (ou pelo menos sua representação)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 47). Charaudeau (2010, p. 31) afirma que a relação patêmica tem o poder de engajar o sujeito em um comportamento reacional que reflete as normas sociais às quais ele está ligado ou interiorizou ou as normas que permanecem em suas representações (individuais ou coletivas). Devido a esse fato, a patemização deve ser tratada sempre como um efeito visado, pois não se tem garantia sobre os efeitos produzidos.

Enfim, oscilando entre as visadas de informação e captação/patemização, as mídias vão reproduzir, ajudar a difundir ou mesmo pôr em xeque as representações sociais existentes na sociedade. O mundo midiático está preso em um “jogo de espelhos”, já que reflete o espaço social e é refletido por este: em uma lógica simbólica, as mídias representam uma “máquina de fazer viver as comunidades sociais”, manifestando a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores (CHARAUDEAU, 2007, p. 16-17). Os fundamentos desse movimento simbólico que permeia toda atividade linguageira são alvo da próxima seção.

#### **4. As representações sociais e os imaginários sociodiscursivos**

Considerando a concepção sociointerativa da linguagem, que herdamos dos pressupostos bakhtinianos, é a interação que constitui a linguagem como estrutura socioideológica e processo de evolução ininterrupto, no qual a realidade concreta da língua está inserida. Concebida, pois, como um “fenômeno puramente histórico” (1992a, p.109), a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, de sorte que, “na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou

desagradáveis”, às quais somente reagimos se despertarem em nós ressonâncias concernentes à vida (1992a, p. 95).

Nessa perspectiva, as realizações linguísticas obedecem a um movimento complexo relacionado à situação atual do locutor enquanto interage, a suas experiências anteriores, aos aspectos pessoais e também ao horizonte dos interlocutores (estes submetidos às mesmas influências). Para Bakhtin, como para Charaudeau, o interlocutor tem, portanto, papel fundamental na enunciação, à medida que elabora uma atitude responsiva ativa – noção que contempla não só a alternância concreta de vozes entre falantes (sem a qual não existe diálogo), mas também remete ao próprio princípio dialógico/polifônico constitutivo da linguagem em suas muitas dimensões, o qual garante a definição da palavra como signo ideológico na perspectiva do filósofo russo.

Sob o enfoque semiolinguístico (2005, p. 13), o mundo é semiotizado por um duplo processo, que parte de um mundo a significar (mundo real) e o transforma em um mundo significado (mundo representado). Em um primeiro momento, o processo de semiotização do mundo empreende uma transformação, que compreende quatro tipos de operação: a identificação (nomear, localizar/situar) e a qualificação, próprias do modo de organização descritivo do discurso; a ação, própria do modo narrativo; e a causação (relação de causalidade), característica tanto do modo narrativo quanto do argumentativo. Em seguida, mas de forma preponderante, um processo de transação faz com que esse “mundo significado” se torne um objeto de troca entre sujeitos – sem cuja alternância, segundo Bakhtin, as unidades da língua não podem passar à categoria de unidades reais de comunicação (BAKHTIN, 1992b, p. 296-7).

Dessa forma, o homem é mobilizado por sistemas de representação que ele mesmo elabora, fruto de sua vivência: “ele constrói seu saber sob a dependência da realidade, pois não pode pensar a si próprio senão mediante as representações que ele se dá” (CHARAUDEAU, 2008, p. 191). Segundo Jodelet (2001, p. 22), as representações são “produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade”. Como não estamos isolados num vazio social, partilhamos esse mundo com outros e, conseqüentemente, conforme aponta a autora, as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Assim, podem ser vistas como sistemas de representação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações, e que intervêm na definição das identidades pessoais e coletivas e nas transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Para Charaudeau (2017, p. 573-4), quando se analisa o fenômeno das representações sociais, é preciso refletir sobre a relação entre linguagem e realidade. Primeiramente, de acordo com o autor, não se pode confundir as noções de “real” e “realidade”, pois o significado não seria a realidade em si, mas uma construção significativa da realidade. A “realidade” refere-se ao mundo empírico através de sua fenomenalidade; é um lugar a significar, de onde parte a construção do sujeito sobre as coisas do mundo. O “real”, por sua vez, refere-se ao mundo como ele é construído, estruturado pela atividade humana, por meio da linguagem, em suas diversas operações, conforme mencionado anteriormente: de nomeação dos seres do mundo, de caracterização de suas propriedades, da descrição de suas ações no tempo e no espaço, e de explicação da causalidade dessas ações. O real estaria, portanto, ligado à racionalização da atividade humana, sabendo-se que o “racional” é, em si, cheio de afetividade e de emoção.

Moscovici (2000, p. 22-23) destaca que as representações sociais apresentam precisamente dois papéis: de convenção e de prescrição. Primeiramente, convencionalizam os objetos, as pessoas e os acontecimentos e dão-lhes uma forma definitiva, localizando-os em determinada categoria; gradualmente, tais convenções são transformadas em um certo tipo de modelo partilhado por um grupo de pessoas. Em segundo lugar, as representações se impõem sobre nós com uma força irresistível, força que emana de uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo de termos começado a pensar e de uma tradição que decreta o que devemos pensar.

As representações sociais são, portanto, uma forma de conhecimento socialmente partilhado sobre o mundo. Como afirma Charaudeau (2015, p. 21),

Essas representações evidenciam imaginários coletivos que são produzidos pelos indivíduos que vivem em sociedade, imaginários esses que manifestam, por sua vez, valores por eles compartilhados, nos quais eles se reconhecem e que constituem sua memória identitária.

Sob a perspectiva da análise do discurso, Charaudeau (2008; 2017) discute a questão das representações sociais a partir da noção de “imaginários”. Para o autor, o imaginário é efetivamente “uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (CHARAUDEAU, 2008, p. 203). E, como tais imaginários são identificados por enunciados languageiros semanticamente reagrupáveis, produzidos de diferentes maneiras, propõe-se o termo “imaginários discursivos”. Ademais, tendo em vista que “circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência para seus membros”, o teórico francês sugere denominá-los “imaginários sociodiscursivos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 203). Segundo Charaudeau (2017, p. 579), o imaginário sociodiscursivo

resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. Ele se constrói, assim, de sistemas de pensamento coerentes a partir de tipos de saber que são investidos, por vezes, de pathos (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si) ou de *logos* (o saber como argumento racional).

Os imaginários são, portanto, gerados pelos discursos que circulam nos grupos sociais e organizam-se em um sistema de pensamentos coerentes criadores de valores, atuando como uma justificativa para a ação social e sendo acumulados na memória coletiva ao longo da história (CHARAUDEAU, 2017, p. 579). Conforme ressalta Charaudeau (2008, p. 204), um grupo social é constituído “pela soma das relações que os indivíduos estabelecem entre si, relações que, ao se autorregularem, terminam por construir o universo de valor, portanto, imaginários comuns”. Além disso, as representações – e, conseqüentemente, os imaginários – uma vez criadas por um grupo, ganham vida própria, circulam, se encontram, atraem e repelem umas às outras e dão origem a novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2000, p. 27).

Para desempenhar o papel de “espelho identitário” que lhe é próprio, os imaginários necessitam ser materializados (nos tipos de comportamentos, nas atividades coletivas, na produção de objetos manufaturados e de tecnologia etc.). Tal materialização, por sua vez, precisa ser sustentada por uma racionalização discursiva. Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade, alimentados por saberes de crença e de conhecimento de natureza diversa: “eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2008, p. 207).

Segundo Charaudeau (2007, p. 63), o discurso de informação midiática, característico dos textos do *corpus* a que nos dedicamos nesta investigação, joga com a influência de diferentes imaginários sobre seu público-alvo, entre eles, o imaginário de saber algo que o outro ignora e o de ser legitimado para transmitir esse saber. Dessa forma, as instâncias midiáticas detêm parte de um poder social, que lhes permite criar uma verdade por meio de efeitos de sentido produzidos em seu discurso, a fim de estabelecer uma relação de cumplicidade. Veremos, a seguir, de que maneira tais efeitos – especialmente os patêmicos – podem ser desencadeados nos textos selecionados para análise, com ênfase em seu agenciamento por meio da articulação dos diferentes modos de organização do discurso.

## 5. Narrar, descrever e argumentar para ressignificar o indefinível e o inumerável

Segundo Charaudeau (2007), como já pontuamos, o discurso midiático pressupõe, como enunciador, um sujeito informante tensionado entre as restrições e liberdades de um contrato comunicativo que lhe apresenta desafios de credibilidade – que determina o direito à palavra e as condições de verdade da palavra emitida no campo do **fazer saber** – e de captação – que se orienta para o parceiro da troca, a quem é necessário persuadir, seduzir na esfera do **fazer sentir**. O sujeito que toma a palavra no circuito da mídia está centrado, portanto, em transmitir uma informação composta de um conjunto de acontecimentos e saberes que passam do mundo a comentar, em que figuram como acontecimentos brutos, para o mundo comentado, em que, integrados a um sistema de pensamento, tornam-se significantes (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

O *corpus* analisado representa um esforço de seus enunciadores por relatar a pandemia do novo coronavírus. Conforme Charaudeau (2007), para que tenham destaque nas mídias, sendo submetidos ao processo evenemencial de construção discursiva do acontecimento, os eventos selecionados são percebidos como potencialmente salientes e pregnantes, isto é, como algo desestabilizador da ordem esperada do mundo, pinçados em função de seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade. Dessa forma, como veremos, os textos em tela giram em torno da quantificação das vítimas fatais da covid-19 no Brasil<sup>5</sup>, pondo em questão a fria objetividade das estatísticas crescentes em sua referência a seres humanos.

O primeiro texto a ser analisado é um fragmento do cordel “Inumeráveis”, de autoria de Bráulio Bessa, poeta cearense considerado um dos maiores ativistas da cultura nordestina no mundo. De acordo com o *Diário do Nordeste*<sup>6</sup>, Bessa se inspirou no Memorial Inumeráveis – web-instalação criada pelo artista Edson Pavoni a fim de homenagear, de forma pessoal, cada vítima da Covid-19 no Brasil, publicando um registro da sua história. No intuito de “celebrar a vida”, o Memorial conta com uma rede de colaboradores que coletam as histórias das vítimas e as adequam ao perfil do

---

<sup>5</sup> Ao final do mês de novembro de 2020, o número já havia ultrapassado 170 mil mortes no Brasil e 1 milhão e 400 mil no mundo todo. Fonte: Página oficial da Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.2248744>. Acesso em 13 ago. 2020.

projeto, sob a forma de “Textos Tributo”, que resguardam a identidade e a alma dessas pessoas, para “seguir vivendo para sempre em nossa memória”<sup>7</sup>.

De grande repercussão midiática, o texto de Bessa, que dá visibilidade ao Memorial, foi ainda musicado pelo cantor Chico César. Ao *Diário*, o poeta fala sobre a “transformação da dor em poema”, que faz do artista “um prestador de atenção” ao sentimento alheio”. A intenção de semiotizar, racionalmente e intencionalmente, a emoção em uma relação de troca é justamente o que faz com que o texto toque, de forma patêmica, o leitor sensível ao contexto vivido, saudoso de seus entes queridos.

Composto por mininarrativas de vida que, juntas, formam um grande quadro, o poema (Figura 1) se estrutura em seis estrofes, cujas duas primeiras e duas últimas são dispostas a seguir:

Figura 1 – Inumeráveis

**Inumeráveis**  
*Autor: Bráulio Bessa*

Andre Cavalcante era professor  
amigo de todos e pai do Pedrinho.  
O Bruno Campelo seguiu seu caminho  
Tornou-se enfermeiro por puro amor.  
Já Carlos Antônio, era cobrador  
Estava ansioso pra se aposentar.  
A Diva Thereza amava tocar  
Seu belo piano de forma eloquente  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.

Elaine Cristina, grande paratleta  
fez três faculdades e ganhou medalhas  
Felipe Pedrosa vencia as batalhas  
Dirigindo Uber em busca da meta.  
Gastão Dias Junior, pessoa discreta  
na pediatria escolheu se doar  
Horácia Coutinho e seu dom de cuidar  
De cada amigo e de cada parente.  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.  
[...]

Raimundo dos Santos, um homem guerreiro  
O senhor dos rios, dos peixes também  
Salvador José, baiano do bem  
Bebia cerveja e era roqueiro.  
Terezinha Maia sorria ligeiro  
cuidava das plantas, cuidava do lar  
Vanessa dos Santos era luz solar  
mulher colorida e irreverente.  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial  
pra netos e filhos fazia banquete.  
Yvonne Martins fazia um sorvete  
Das mangas tiradas do pé no quintal  
Zulmira de Sousa, esposa leal  
falava com Deus, vivia a rezar.  
O X da questão talvez seja amar  
por isso não seja tão indiferente  
Se números frios não tocam a gente  
Espero que nomes consigam tocar.

Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.2248744>. Acesso em: 13 ago. 2020.

É possível dizer que a narrativa de fundo possui um encadeamento em **paralelismo**, pois há diferentes sequências, que se desenvolvem “de maneira

<sup>7</sup> Fonte: <<https://inumeraveis.com.br/sobre/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

autônoma, cada uma regida por um actante-agente diferente, sem que se liguem entre si por uma relação de causa e efeito”, mas que se cruzam em um determinado momento e convergem para um mesmo final – o caos pandêmico (CHARAUDEAU, 2008, p. 170). Além disso, observa-se uma **cronologia** descontínua em alternância, pois uma sequência narrativa se interpõe, em seu desenrolar, a uma outra que se desenvolve paralelamente à precedente com um agente diferente do anterior (CHARAUDEAU, 2008, p. 180).

Quanto à organização discursiva, em cada décima do cordel, quatro pares de versos constituem sequências descritivas (“era professor/ amigo de todos e pai de Pedrinho”; “era cobrador”; “grande paratleta”; “pessoa discreta” etc.) entremeadas às narrativas (“seguiu seu caminho/ Tornou-se enfermeiro”; “fez três faculdades e ganhou medalhas”; “cuidava das plantas, cuidava do lar” etc.). O foco são fatos memoráveis vividos por personagens desconhecidos, referenciados com nome e sobrenome na abertura de cada dístico, em um esforço de identificação para, de fato, dar existência singular ao que aparece despersonalizado nas estatísticas diárias da Covid-19.

No domínio da encenação narrativa, podemos pensar também os efeitos de realidade e ficção de que o texto é portador. O narrador do cordel é um contador, que testemunha o vivido e, portanto, como fruto de uma visão objetiva do mundo frente à pandemia, menciona os nomes e sobrenomes das vítimas cujas histórias de vida retrata, bem como a profissão de alguns (professor, enfermeiro, cobrador). Paralelamente, os efeitos de ficção são desencadeados por meio de expressões intensificadoras do sentido, mais subjetivas e afastadas de uma racionalidade social, como a menção aos sujeitos citados como quem “vencia as batalhas” ou “era um homem guerreiro” ou “senhor dos rios”, ou uma “mulher colorida”.

O refrão do cordel se apresenta, em cada estrofe, como uma ruptura na sequência narrativo-descritiva, revestindo-se de argumentatividade para revelar um posicionamento enunciativo elocutivo do eu-poético: “Se números frios não tocam a gente/ Espero que nomes consigam tocar”. Ao mesmo tempo, o enunciador engaja seu interlocutor nessa referência ao empregar a expressão “a gente”, que promove, de certa forma, uma alocação. A dimensão argumentativa do texto fica, pois, mais visível, já que traz em si “um ponto de vista sobre o real, reforçando valores, orientando a reflexão (AMOSSY, 2018, p. 46). Na Fig. 1, segundo Charaudeau (2008, p. 211), tal orientação está ancorada no contraste entre números frios e nomes, cujo potencial para tocar, emocionar não é o mesmo. Do ponto de vista da encenação argumentativa, nota-se um sujeito enunciador sensível ao sofrimento das vítimas do

coronavírus, o que se produz em um domínio de avaliação ético, articulado ao imaginário da empatia e solidariedade, que sustenta os efeitos patêmicos.

Marcado pela mudança nos tempos verbais, do passado (mundo narrado) para o presente (mundo comentado), o refrão, no intuito claro de captar o leitor emocionalmente, investe na tópica patêmica da simpatia, que expõe as vítimas de um drama a fim de despertar o interlocutor para a sua dor (CHARAUDEAU, 2010, p. 52). Nesse sentido, o enunciador argumenta que não se pode aceitar passivamente os números frios das estatísticas em referência aos brasileiros levados pela covid-19; é preciso se deixar tocar, porque são, na verdade, vidas que se perderam, nomes que deixaram sua história, portanto, são “inumeráveis”.

O segundo texto (Figura 2) é uma postagem da Revista Suplemento Pernambuco – Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco –, dedicada à literatura e reflexões sobre o contemporâneo. A imagem foi postada no perfil do periódico na rede social Facebook, em agosto de 2020, quando o Brasil atingiu o número de 100 mil mortos por coronavírus.

Figura 2 – Profundamente

**Suplemento Pernambuco**  
7 de agosto · 🌐

Um lembrete para o marco dos próximos dias: Não há pós-pandemia ou pós-quarentena. 100 mil mortos não é só um número. São 100 mil tragédias pessoais. São 100 mil histórias silenciadas.

**Estão todos dormindo**  
**Estão todos deitados**  
**Dormindo**  
**Profundamente**  
**Manuel Bandeira. 100 mil mortos.**

👍👎👏 792 18 comentários 1,2 mil compartilhamentos

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

Fonte: <https://pt-br.facebook.com/suplementopernambuco/>. Acesso em: 28 out. 2020.

A imagem traz ao fundo nomes de vítimas fatais da Covid-19. Sobreposta a essa imagem, está a inscrição “Estão todos dormindo/ Estão todos deitados/ Dormindo/ Profundamente”, citação do poema “Profundamente”, de Manuel Bandeira (2007, p. 140), publicado originalmente em 1939, no livro *Libertinagem*. No poema, Bandeira fala, com saudosismo, de sua infância e de seus entes queridos que já partiram, citando o nome dessas pessoas: “Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo/ Minha avó/ Meu avô/ Totônio Rodrigues/ Tomásia/ Rosa/ Onde estão todos eles?”. Ao lado da referência ao autor, há a menção ao número de mortos por Covid-19 na data da postagem.

O arranjo entre o primeiro e o segundo plano da imagem dá ao leitor sensação de que os nomes citados – que representam os 100 mil mortos brasileiros – ancoram o sentido do pronome indefinido “todos”, definindo-o e funcionando como sujeitos do verbo estar expresso no trecho do poema – “estão deitados”, “estão dormindo profundamente”. Do ponto de vista da materialidade verbal, trata-se de um enunciado predominantemente descritivo, mas que narra, de forma implícita, os óbitos, representados pelos nomes justapostos visualmente em segundo plano.

Os nomes das vítimas são justapostos em caixa alta, sem os recursos que, no sistema verbal, particularizam os signos escritos que dão nomes aos seres, inclusive os humanos, como espaçamento e maiúsculas. Sua menção desencadeia, novamente, efeitos de realidade, nesse sentido, remetendo ao que pode ser verificado racionalmente por um saber ou pela experiência compartilhada, que são as identidades sociais das pessoas. Entretanto, o arranjo visual linear e sequencial desses nomes, todos juntos, “deitados”, simula a fria objetividade e despersonalização dos dados estatísticos, denotando um aglomerado de signos indistintos. No comentário que acompanha a postagem, o enunciador encena uma argumentação implícita, opondo-se a essa descaracterização e enfatizando a importância de se entender que “não é só um número”, “são tragédias pessoais”, “histórias silenciadas”.

A tópica da simpatia é novamente ativada pela enunciação de uma descrição patêmica, em que o enunciador faz com que a realidade semiotizada se imponha no discurso, propondo ao destinatário a narrativa ou o fragmento de uma cena dramatizante (CHARAUDEAU, 2010, p. 35). No caso da Fig. 2, esse fragmento está ancorado no arranjo verbo-visual, que articula os nomes das vítimas e os versos de Bandeira, e também no sentido desses versos, que remetem eufemicamente à ideia da morte, promovendo efeitos de ficção, mais subjetivos. Convém salientar nesse sentido, com Fiorin (2018, p. 79), que o emprego de “deitar” e “dormir profundamente” e diminui a intensidade da expressão desagradável da morte,

porém, diz menos para significar mais, alargando o alcance sêmico da expressão que está sendo usada – o que vai ao encontro do efeito compassivo visado de identificação-projeção empática proposto ao destinatário.

Finalmente, o terceiro texto que compõe o *corpus* desta investigação é uma tira do personagem Armandinho, personagem criado pelo cartunista catarinense Alexandre Beck. O texto foi publicado no perfil “Armandinho”, da rede social Facebook, no dia 13 de setembro de 2020, e focaliza, como de costume, uma conversa do personagem com um adulto de sua convivência – no caso, seu pai:

Figura 3 – Humanidade



Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/3619292068116073>

Segundo Ramos (2009, p. 24), as tiras são textos curtos, restritos ao formato retangular fixo, construídos com um ou mais quadrinhos, com personagens fixos ou não e estruturadas em torno de uma narrativa com desfecho inesperado no final. No caso da Fig. 3, convém ressaltar o caráter bastante crítico do personagem fixo Armandinho, conhecido pelas tiradas irônicas e bem-humoradas que desafiam crenças estabelecidas socialmente, geralmente presentes na fala dos personagens adultos com quem convive. Na tira em estudo, é, contudo, a voz do pai de Armandinho que estabelece um elo questionador de alguns discursos e atitudes percebidos durante a pandemia.

A Fig. 3 se divide em três cenas, em cuja parcela visual observamos que Armandinho, portando uma máscara, ocupa posição de destaque acompanhado de seu sapo de estimação e de seu pai, que é representado apenas pelas pernas, vestidas em traje social. O fato de o personagem usar máscara já permite ao leitor inferir, de forma mais imediata, a relação da peça com o contexto da pandemia, o que será reforçado pelos enunciados verbais. Focalizando a cena em plano total, com pouca ou nenhuma informação sobre o espaço ao redor dos personagens – uma marca do estilo de Beck –, o autor garante que haja destaque equilibrado ao que se diz também na parcela verbal, que se expressa de forma predominantemente

argumentativa, demarcando um ponto de vista do sujeito enunciador, como veremos.

No primeiro quadrinho, Armandinho constata o alto número de vítimas do novo coronavírus no Brasil, expresso, novamente, por meio do emprego eufêmico do verbo “levar”, que, à semelhança de “dormir” e “deitar” na Fig. 2, também denota a ideia de morte de maneira menos direta e chocante. Expressa-se, nesse enunciado marcadamente narrativo, a visada informativa do discurso midiático, cujo interesse primordial, como vimos, é elaborar e dar destaque, por meio de uma construção discursiva, a um acontecimento social digno de nota por seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade – o número exorbitante de vítimas fatais da covid-19 no país<sup>8</sup>. Na fala de Armandinho, o relato do fato social digno de nota vem acompanhado de um enunciado elocutivo, por meio do qual o enunciador exprime um sentimento em relação ao fato – “... isso me deixa triste...”.

Na sequência, a resposta do pai de Armandinho valida a reação do filho, e ensina-lhe uma lição que corresponde à tese implícita no texto: sensibilizar-se com o sofrimento do outro é sinal de humanidade. Para Charaudeau (2008, p. 211), a lógica argumentativa é o resultado das operações de pensamento, que criam relações de sentido entre pessoas, propriedades e ações, expressando uma relação de causalidade. Sob esse prisma, podemos dizer que a lógica argumentativa presente na Fig. 3 se apresenta em forma de causa (modo de encadeamento): “SE a pessoa não fica triste com as mortes na pandemia, ENTÃO perdeu sua humanidade”.

Considerando o domínio da encenação argumentativa, observa-se novamente a presença de um enunciador que, atuando no domínio semântico, responsável pelo valor dos argumentos, mobiliza um domínio ético de avaliação. Definido a partir da oposição entre os ideais de **bem** e **mal**, o domínio ético se liga a uma moral externa, ancorada, por sua vez, em regras de comportamento social impostas aos indivíduos pelo consenso (CHARAUDEAU, 2008, p. 232), portadoras de valores como a solidariedade, a bondade e a empatia. Nesse sentido, o indivíduo é levado a agir de certa maneira – comover-se com o sofrimento alheio – em nome de um princípio social – a humanidade. No caso da Fig. 3, esse movimento reforça, mais uma vez, a representação da tópica patêmica da simpatia, por meio da qual o interlocutor é instado a se voltar para o outro que sofre, e, assim, aderir à tese proposta pela instância midiática.

---

<sup>8</sup> Na véspera da publicação da tira, dia 12/09/2020, o portal de notícias G1 registrou 800 óbitos em 24 horas em razão do contágio por coronavírus e um total de 131 mil no Brasil. Dados disponíveis em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/12/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-12-de-setembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em: 29 de nov. 2020.

## 6 Considerações finais

Os textos analisados, por serem curtos em sua extensão, podem, em um primeiro momento, dar a ideia de que a possibilidade de recursos empregados em sua construção seja limitada. No entanto, percebeu-se, durante a análise, que o discurso produzido no contexto em questão, apesar de minimalista, é semiotizado de forma potente, por meio, por exemplo, de esforços em prol da seleção e articulação dos modos de organização do discurso. Tais esforços servem ao propósito de captação dos enunciadores, que, sujeitos às cláusulas contratuais do discurso midiático, promovem efeitos de sentidos patêmicos ancorados em uma figura empática para com o outro e sensível à situação pandêmica de modo geral. Há, portanto, uma ressignificação da referência às vítimas da Covid-19 no Brasil, atribuindo-lhes singularidade e importância, em contraponto com a indefinição e mera quantificação das estatísticas diárias da pandemia que proliferam nos noticiários.

Justamente por sua concisão, os textos do *corpus* exploram arranjos sógnicos que põem em evidência o poder sugestivo de imagens e palavras e, ao mesmo tempo, apostam alto na cumplicidade silenciosa do leitor, que se torna o protagonista dessa tentativa de resposta à pandemia nas fronteiras entre narração, descrição e argumentação. As lacunas deixadas a cargo do leitor na condensação dos referidos textos obrigam-no a fazer *links*, dar voz a silêncios e inferir informações. Isso não seria possível sem que as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos que apoiam a enunciação patêmica estivessem presentes, orientando o preenchimento simbólico dos textos e intertextos em questão, “como mininarrativas que descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados [...] do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito” (CHARAUDEAU, 2010, p. 32).

Conforme Charaudeau (2007, p. 124), as instâncias midiáticas exercem o seu poder de influência através do fazer saber, do fazer pensar e do fazer sentir. É assim que a mídia constrói um universo de representação das ações humanas baseado em uma relação de ressonância, pelo viés das representações supostamente partilhadas, que preparam o terreno para a construção de uma opinião pública. Uma vez mais, como propôs Bakhtin (1992a, p.313-4), evidencia-se o poder da palavra na arena dos discursos, onde assimilamos, reestruturamos e modificamos a expressividade e o tom valorativo das palavras do outro com quem aceitamos, nunca de forma passiva, interagir verbalmente.

## Referências

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. **EID&A** - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov.2011.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução: Angela M. S. Corrêa [et al]. São Paulo: Contexto, 2018.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992a.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. Trad. Angela Maria da S. Corrêa. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, Sigrid. (org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução: Angela M. S. Corrêa [et al]. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. Trad.: Renato de Mello. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). **As emoções no discurso**, v. 2. Campinas: Mercado Letras, 2007. p. 23-56.

\_\_\_\_\_. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>. Acesso em: 21 nov. 2020.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

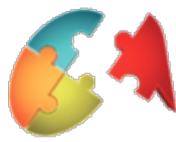
JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (Orgs.). **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.19-36.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino)



# **Pandemic in media texts: narrating, describing and arguing “to build memory, affection, respect and future”**

---

## **ABSTRACT:**

The present paper looks at a small corpus of media texts, published in Brazil in 2020, whose theme is the coronavirus pandemic. These texts are structured by a verbal and/or visual images sequence, which represents an answer to the fragmentation and coldness that emerge from the information daily published in the news. Focusing on the possible arrangements and the meaning effects which arise from the operating procedures of discourse organization, the intention is, once again, to illuminate the dialogical interaction of subjects in the media, whose objective is to capture and touch the other rationally in their emotion, mobilizing shared knowledge and beliefs.

---

## **KEYWORDS:**

Pandemic;  
Semiolinguistics;  
Media discourse;  
Captation;  
Patemization.